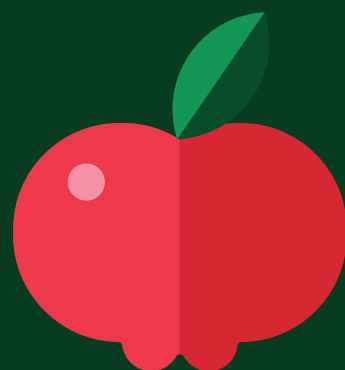
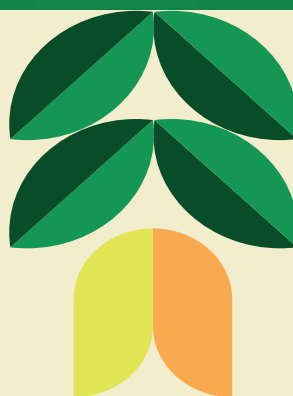
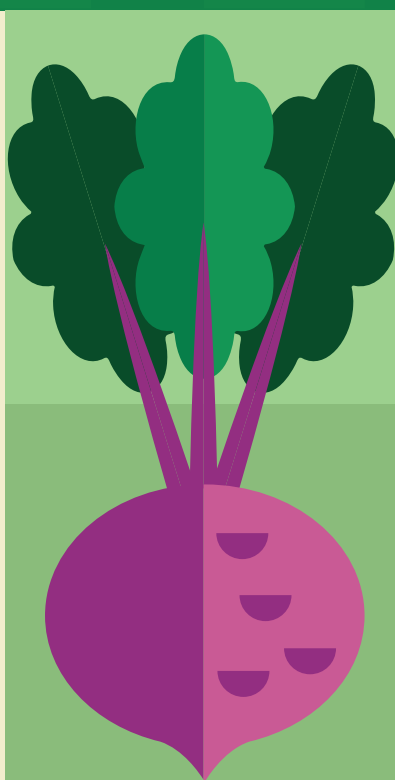
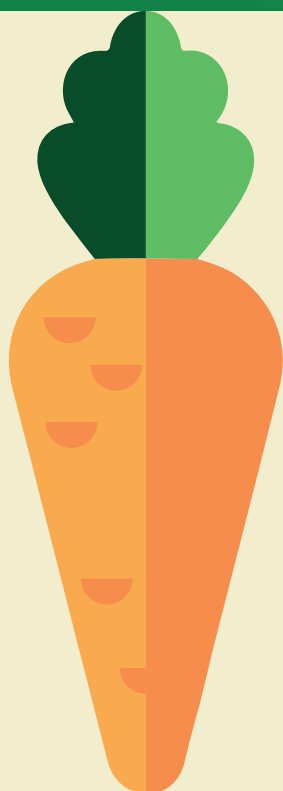


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola



Ficha técnica

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Centro, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

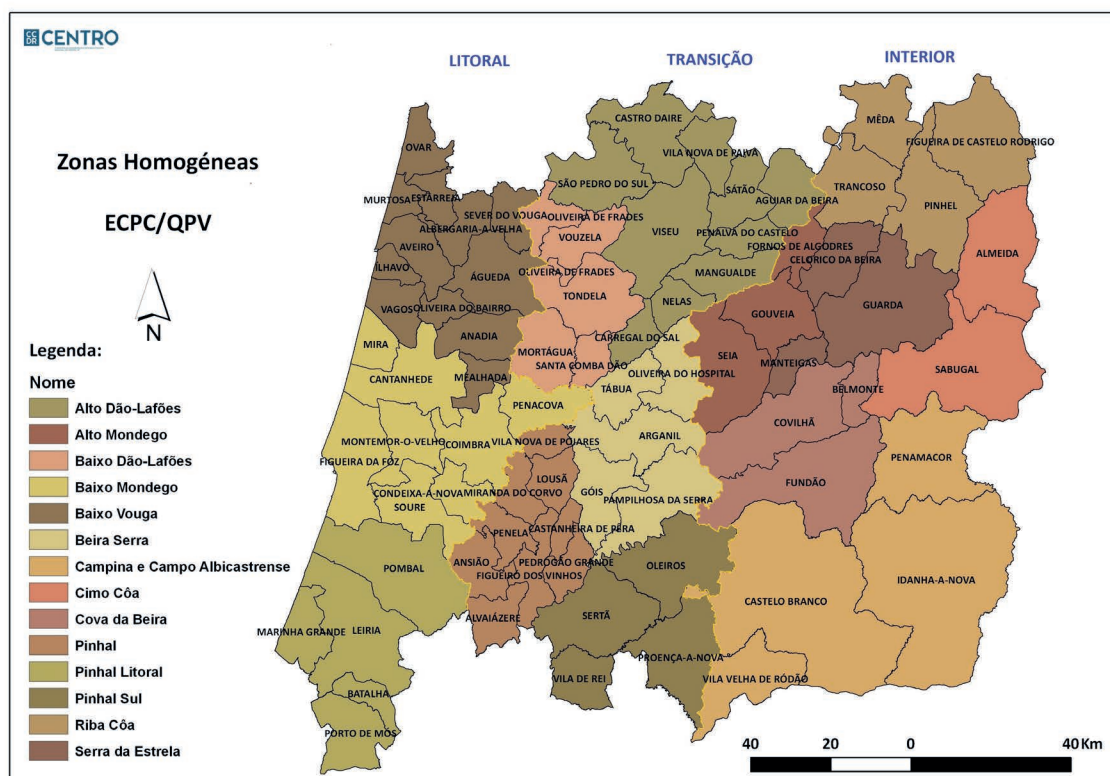
Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica: Arminda Dias (Alto e Baixo Dão Lafões), Celestino Martins (Cima e Riba Coa), Dina Gonçalves, Emília Félix (Campina e Campo Albicastrense), Gisela Alvim (Baixo Mondego), Gonçalo Duarte (Pinhal), José Rocha (Cova da Beira e Serra da Estrela), Luísa Amador (Baixo Vouga), Maria Cecília Palmeiro (Alto Mondego e Beira Serra), Maria de Fátima Duarte (Pinhal Sul), Maria Manuela Oliveira (Pinhal Litoral).

Coordenação: Anselmo Cunha anselmo.cunha@ccdr.pt

NOTA PRÉVIA

O relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC) está integrado na operação “Estatísticas da Produção Vegetal”, sob a coordenação do Instituto Nacional de Estatística (INE). Recolhe e processa informação de carácter previsional relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas distribuídas pelas 14 Zonas Homogéneas da região Centro agregadas em 3 grandes zonas: Litoral (Baixo Vouga, Baixo Mondego e Pinhal Litoral), Transição (Alto Dão Lafões, Baixo Dão Lafões, Pinhal, Beira Serra, Alto Mondego e Pinhal Sul) e Interior (Serra da Estrela, Riba Côa, Cimo Côa, Cova da Beira e Campina e Campo Albicastrense).



A informação descritiva e quantitativa é recolhida para os principais grupos de culturas, nomeadamente, cereais de praga, cereais de primavera/verão, batata, leguminosas secas, culturas industriais, frutos frescos, citrinos, frutos secos, vinha, olival.

Constitui uma das fontes privilegiadas para o estabelecimento da informação das estatísticas oficiais da produção vegetal, base para índices de volume das Contas Económicas da Agricultura, assim como sustenta o acompanhamento e monitorização da situação de seca no âmbito da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca.

Os relatórios mensais são enviados ao INE (entidade coordenadora) e Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), e publicados no portal da CCDR Centro.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) sistematiza e disponibiliza a informação recolhida a nível nacional publicando o Boletim Mensal de Agricultura e Pescas e um destaque para a comunicação social.

Índice

1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.	5
2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.	11
3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.	13
4-a – Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspecto vegetativo das searas, variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.	16
5-c – Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.	18
8-b – Produção de azeite: funcionamento dos lagares; qualidade do azeite e fundas.	20

1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

O estado do tempo no mês de fevereiro foi marcado pela continuação de fenómenos meteorológicos extremos que já vinha do mês anterior, os quais, conjugados, afetaram sobremaneira a agricultura na região Centro. O destaque vai para a tempestade **Kristin** ocorrida ainda nos últimos dias de janeiro e que deixou um rasto de destruição por toda a região, levando o governo português a declarar situação de calamidade em 90 municípios, a esmagadora maioria localizados na área da CCDR Centro. Durante o mês de fevereiro, assistiu-se à passagem sucessiva de mais quatro tempestades que justificaram avisos laranjas por parte do IPMA, devido à intensa precipitação e ventos fortes associados. Entre os dias 4 a 7 de fevereiro, surgiu a tempestade **Leonardo**, a tempestade **Marta** (dias 7 a 10), a tempestade **Nils** (dias 11 a 13) e, nos dias 13 a 15 a tempestade **Oriana**.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a temperatura mínima média situou-se nos 9.ºC, a máxima média nos 15,6.ºC traduzindo-se numa temperatura média que rondou os 12,5.ºC. Alguns dias e as noites foram frios, com ventos a variar de fortes a muito fortes, rasgando as coberturas de plástico de algumas estufas. O nível de água no lençol freático mantém-se elevado, deixando os solos submersos ou bastante húmidos, nomeadamente os mais baixos, que se encontram mais encharcados e com menor poder de drenagem. Os prados e pastagens encontram-se com bastante humidade, a sementeira da batata encontra-se atrasada (apenas 5% foi realizada), as hortícolas de ar livre como a couve, o nabo-cabeça, ervilha e algum nabo-grelo estão fortemente condicionadas na sua disponibilidade quantitativa e qualitativa. É expectável que a médio prazo, os produtos hortícolas venham a entrar num período de oscilação na valorização, uma vez que as quantidades disponíveis para transação, poderão ser insuficientes para as necessidades de consumo.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, a situação de saturação hídrica dos solos no Baixo Mondego, onde diversos campos agrícolas já estavam inundados no mês passado, agravou-se com a quantidade de precipitação registada. A precipitação extrema provocou um aumento abrupto do caudal do rio Mondego, bem como as descargas controladas de água proveniente da Barragem da Aguieira, da Barragem de Fronhas e do rio Ceira. Várias zonas do Baixo Mondego ficaram inundadas, afetando principalmente os concelhos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Soure. A maior área de campos agrícolas afetada pelas inundações pertence ao Vale Central, local onde se produz a maior quantidade de milho, arroz e batata, desta zona homogénea.



A 11 de fevereiro, a situação piorou com o rebentamento do dique de Casais e consequentemente com a rotura do canal de rega, na margem direita do rio Mondego, zona em que vários hectares de terrenos agrícolas ficaram alagados e destruídos e também algumas estufas. O rebentamento do dique deixou inacessíveis para comercialização, cerca de 2 000 toneladas de milho-grão armazenados em Silos, nas instalações da Cooperativa Agrícola de Coimbra. No dia 12 de fevereiro ocorreu a rotura do dique na zona da Granja do Ulmeiro, na margem esquerda do rio Mondego. Com o rebentamento dos diques, em especial, dos Casais, o rio assoreou muitos campos agrícolas, agravando os prejuízos já existentes, com a destruição de infraestruturas de rega, valas de drenagem, caminhos agrícolas entre outros. O tempo só deu tréguas a partir de dia 14, quando o caudal do rio começou a estabilizar. Os 8 concelhos que pertencem à zona homogénea do Baixo Mondego estiveram em estado de calamidade de dia 28 de janeiro a 15 de fevereiro, bem como outras regiões do País. A aldeia de Ereira, na margem direita do rio Mondego, pertencente ao concelho de Montemor-o-Velho, ficou cercada de água no passado dia 4 de fevereiro até dia 19 de fevereiro, face à subida do nível das águas. Todos os terrenos agrícolas circundantes, na sua maioria de arroz ficaram submersos ao longo de 18 dias.



Na última semana de fevereiro, o nível das águas nos terrenos agrícolas, começou a baixar, permitindo começar a recuperar os caminhos destruídos durante as cheias, com o intuito de garantir os acessos das máquinas agrícolas, para as sementeiras de primavera-verão. As condições meteorológicas registadas mantiveram os solos encharcados inviabilizando os trabalhos agrícolas; impediram um normal crescimento vegetativo das pastagens e forragens, devido ao encharcamento dos solos; comprometeram grande parte dos cereais praganosos já instalados; provocaram a perda total de culturas hortícolas, nomeadamente no Vale Central; provocaram a destruição total ou parcial de estufas e produtos agrícolas nelas cultivados; atraso nas plantações de batata e apodrecimento da batata já instalada nas zonas de quotas mais altas; destruíram diversos campos agrícolas, seus acessos e respetivos canais de rega, bocas de rega e valas de drenagem; alguns criadores de gado do Vale Central perderam cabeças de gado.. Os agricultores estão preocupados com as sementeiras de primavera-verão que se aproximam, o investimento inicial com a instalação destas culturas é muito dispendioso e tem que haver garantias que haverá água para regar as culturas, pelo que consideram essencial a reparação do canal de rega por forma a garantir atempadamente a água para rega dos campos agrícolas do Baixo Mondego.



No Pinhal Litoral, o estado do tempo condicionou de forma significativa a atividade agrícola. As operações culturais sofreram atrasos, aumentou a incidência de doenças, registaram-se danos em culturas e infraestruturas e verificaram-se dificuldades operacionais generalizadas em praticamente toda a área desta zona homogénea. As temperaturas máximas oscilaram maioritariamente entre 13.ºC e 17.ºC, registando-se dias mais amenos na segunda quinzena do mês, com valores pontuais próximos dos 17-18.ºC, sobretudo nos concelhos de Porto de Mós e Batalha. As temperaturas mínimas variaram entre 4.ºC e 8.ºC na maioria dos dias, sendo que nas zonas interiores e de maior altitude, como Porto de Mós e Pombal se observaram valores mais baixos, próximos dos 4 a 5.ºC, mantendo condições favoráveis à ocorrência de geadas fracas. A precipitação foi o elemento meteorológico mais marcante do mês, com efeitos particularmente severos na região. No concelho da Batalha registaram-se 11 dias de chuva, totalizando 54,7 mm, enquanto os concelhos de Porto de Mós, Leiria e Pombal, com maior exposição às frentes húmidas atlânticas, terão registado entre 10 e 14 dias de precipitação, com totais estimados entre 55 e 75 mm. A sucessão de episódios de chuva intensa manteve os solos saturados durante praticamente todo o mês, impedindo a sua recuperação entre eventos. A intensidade acumulada das chuvadas provocou ainda o galgamento dos leitos dos rios Lena e Lis, inundando extensas áreas agrícolas adjacentes. No Vale do Lis, todo o perímetro de rega permaneceu submerso, com níveis de água superiores a um metro, durante vários dias consecutivos. Esta situação agravou de forma significativa os impactos já sentidos no sector agrícola. As consequências foram amplas. A saturação dos solos dificultou operações essenciais como a colheita de milho-grão, mobilizações, sementeiras e fertilizações, enquanto a humidade persistente favoreceu o aparecimento e disseminação de doenças fúngicas em culturas como vinha, olival, horticolas e pequenos frutos. Os cereais de inverno evidenciaram atrasos no desenvolvimento vegetativo devido ao frio, à baixa radiação solar e ao encharcamento prolongado. Nos pomares, o vento forte e o excesso de água no solo provocaram danos em flores, gomos e sistemas radiculares. As infraestruturas agrícolas também sofreram impactos significativos. Estufas, vedações, sistemas de rega e armazéns foram afetados pelas rajadas intensas e pela permanência da água nos terrenos, agravando os constrangimentos já sentidos pelos produtores ao longo do mês.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o mês teve 2 períodos distintos, a primeira quinzena extremamente chuvosa, dando continuidade ao que vinha sendo o mês anterior, e a segunda quinzena que se pautou por dias de céu limpo, com raros períodos de nebulosidade. Este desagravamento das condições climatéricas, permitiu a drenagem dos solos, ainda que a possibilidade de operar com maquinaria nos mesmos, ainda não seja possível. O “comboio de tempestades” ocorridas desde o fim de janeiro, veio alterar o calendário dos agricultores, pois o foco encontra-se na recuperação de infraestruturas

afetadas, corte de árvores caídas ou reparação de vedações e não propriamente na execução de novas sementeiras, adubação de terrenos ou poda das vinhas, olivais ou fruteiras. O acumulado em horas de frio foi em geral, favorável às fruteiras. As menos exigentes em frio já iniciaram a floração, nomeadamente algumas variedades de amendoeiras e ameixeiras. Também no olival já se vê atividade, sendo visíveis os novos brotos. A produção de matéria verde voltou a ocorrer, ainda que de forma reduzida.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, os primeiros 14 dias de fevereiro foram frios, e muito chuvosos, com cerca de 430 mm, condicionando significativamente todas as atividades agrícolas. Nos restantes dias do mês, a precipitação foi esporádica, o que vai permitindo a infiltração da água que permanecia à superfície do solo, e nos últimos dias já se começam a preparar os solos dos locais com melhor drenagem, do mesmo modo já se vêm os rebanhos a sair dos currais para pastoreio direto nos terrenos que o permitem. Os trabalhos de poda foram interrompidos e retomados a partir de 14, e de uma forma geral espera-se que as condições do tempo permitam a realização das atividades suspensas pelo mau tempo.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, registaram-se condições meteorológicas adversas durante o presente mês, caracterizadas por chuva contínua e intensa, sobretudo nos primeiros dias do mês, elevada humidade, ocorrência de neve e saraiva, vento forte e temperaturas baixas, com máximas entre os 8.ºC e os 11.ºC. As culturas permanentes, como a vinha e o olival, encontram-se maioritariamente em repouso vegetativo, pelo que a precipitação foi, de um modo geral, benéfica para a recarga hídrica dos solos. As pastagens e os cereais beneficiam igualmente da disponibilidade de água para a germinação e o crescimento inicial, no entanto, a saturação dos solos está atualmente a condicionar o normal desenvolvimento das plantas. As culturas hortícolas são as mais afetadas, uma vez que o excesso de humidade e as baixas temperaturas dificultam o crescimento, aumentam o risco de doenças do solo e provocam atrasos significativos nas operações agrícolas. Os solos agrícolas da região encontram-se saturados, tendo sido ultrapassada a sua capacidade de retenção de água. Em muitas parcelas, a água permanece à superfície ou nas camadas superiores do solo, provocando stress e enfraquecimento das plantas. Esta situação está igualmente a afetar os trabalhos agrícolas, que não podem ser realizados nem manualmente nem com recurso a maquinaria, encontrando-se, por esse motivo, as sementeiras significativamente atrasadas. Caso estas condições climatéricas persistam, é expectável um aumento do risco de problemas fitossanitários, nomeadamente o aparecimento de doenças fúngicas e outras doenças das plantas, como podridões e míldio.



No Pinhal Sul, a primeira quinzena foi muito chuvosa. Os valores da precipitação foram muito superiores aos valores registados no fevereiro do ano anterior e superiores aos registados em janeiro passado. Apesar da quase ausência de precipitação na segunda quinzena, os campos continuam saturados e impossíveis de mobilizar. As reservas de água continuam no limite máximo.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, a precipitação foi abundante, subiram ligeiramente as temperaturas; na última semana do mês, ocorreu queda de geada e neve nas zonas de alta altitude. Este estado de tempo prejudicou muito o desenvolvimento das culturas em geral, em particular as hortícolas e arvenses anuais. Existem zonas neste momento, completamente alagadas e com as culturas submersas, temendo-se um posterior apodrecimento por asfixia radicular.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o mês de fevereiro caracterizou-se por apresentar no geral, duas situações distintas. Na primeira quinzena, as temperaturas médias diurnas apresentaram valores abaixo dos ocorridos em igual período do ano transato e os valores de precipitação, muito acima dos valores do referido ano. Na segunda metade do mês, a precipitação abrandou, tendo-se registado oscilações térmicas muito grandes. Tal como no mês anterior, as temperaturas registadas, associadas à precipitação abundante não permitiram a conclusão de algumas sementeiras das culturas outono-invernais, ainda em atraso, cuja germinação e crescimento têm sido mais lentos devido à redução das temperaturas médias e ao excesso de humidade dos solos, principalmente os situados em cotas mais baixas, com sinais de encharcamento prolongado. A sucessão de episódios atmosféricos extremos vieram provocar inundações dos campos com perda de algumas das sementeiras outono-invernais e destruição de construções agropecuárias e/ou plantações agroflorestais, assim como de árvores dispersas.



Na Campina e Campo Albicastrense, a média da temperatura máxima foi aproximadamente igual à do ano anterior enquanto que a mínima foi superior, apesar da última década ter tido as temperaturas mínimas mais baixas do mês, o que originou amplitudes térmicas elevadas, com um máximo de 23°C. A primeira quinzena foi extremamente chuvosa, concentrando praticamente a totalidade das chuvas do mês. O longo período de precipitação (incluindo a precipitação do mês passado) teve consequências nefastas nas culturas, nomeadamente nas sementeiras de outono/inverno. As prunóideas já iniciaram a rebentação.

Dados provisórios indicam que na plataforma disponibilizada pela CCDR Centro foram apresentadas 3.159 declarações de prejuízos, cujo valor estimado ascende a 192.064.279 euros.

As referidas declarações reportam-se a situações ocorridas na região Centro, reportadas pelos próprios lesados, abrangendo prejuízos nas tipologias consideradas: armazéns e outras construções, máquinas e equipamentos, culturas permanentes, culturas temporárias e mortes de animais. Decorre processo de validação e confirmação de acordo com os critérios aplicáveis.

Considerando o prazo concedido – até 15 de maio –, é expectável que os números indicados sofram alterações.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de fevereiro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de fevereiro.



2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos fatores bióticos, destacam-se os seguintes casos:

Nas zonas do **litoral**, os episódios de chuva excecional, temperaturas amenas e vento muito forte registados, criaram um contexto altamente favorável ao agravamento de problemas fitossanitários, tanto ao nível das pragas como das doenças. A combinação de solos saturados, humidade relativa persistentemente elevada e baixa radiação solar alterou profundamente o equilíbrio sanitário das culturas e reduziu a eficácia dos tratamentos normalmente aplicados. Efeitos nas pragas e doenças: a humidade contínua e a falta de períodos secos favoreceram a proliferação de doenças fúngicas, com destaque para mildio, septoriose, ferrugens, podridões radiculares e cancos de madeira. A intensidade e frequência dos ataques foram superiores ao habitual, sobretudo em hortícolas, fruteiras e culturas arvenses. O encharcamento prolongado criou condições ideais para patógenos do solo, como *Phytophthora* e *Pythium*, aumentando a mortalidade de plantas jovens e reduzindo o vigor das culturas instaladas. Em pastagens, a elevada humidade promoveu o aumento de parasitas e doenças foliares, reduzindo a qualidade e a persistência do coberto vegetal.

Nas zonas de **transição**, as condições atmosféricas ocorridas durante o mês favoreceram o aparecimento das doenças fúngicas, sendo a

intensidade e frequência dos ataques superiores ao habitual. Relativamente à oportunidade e eficácia dos tratamentos fitossanitários, verificaram-se vários constrangimentos associados à elevada humidade e precipitação frequente, dificultando a entrada de maquinaria nas parcelas e condicionando a aplicação dos produtos. As condições meteorológicas recentes têm sido favoráveis ao desenvolvimento de doenças e pragas, pelo que a adoção atempada de medidas preventivas é fundamental para evitar o seu aparecimento e propagação. Nesta fase, doenças como a lepra-do-pessegueiro e o pedrado na nespereira devem ser controladas.

Em relação aos fatores abióticos, as condições climáticas verificadas (a chuva, as temperaturas baixas e o vento) têm inviabilizado os tratamentos nas culturas. Nas culturas arbóreas e arbustivas, e de acordo com o local e o tempo o possibilitou, realizaram-se determinados tratamentos e medidas culturais, nas quais se incluem as podas, nomeadamente em vinhas e oliveiras (com o objetivo de diminuir a incidência de algumas pragas e doenças), e assim diminuir também o número de tratamentos fitossanitários durante o ciclo vegetativo dessas culturas.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de fevereiro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDR Centro, foram:

Actinídea (kiwi) – medidas a ter para a bacteriose



da actinídea (PSA) (*Pseudomonas syringae* pv. *actinidiae*).

Citrinos – míldio ou aguado, antracnose e alternariose.

Combate às Infestantes.

Correção/Manutenção da Fertilidade do Solo.

Fruteiras – medidas culturais de inverno [limpeza e fitossanidade (limpeza do terreno, poda sanitária, tratamentos de inverno), gestão do solo e nutrição (adubação de fundo, revestimento vegetal), manutenção de infraestruturas e equipamentos (sistema de rega, ferramentas, pulverizadores, ferramentas de poda, reaperte dos arames, substituição de postes, rede anti granizos/pássaros)].

Olival – medidas profiláticas para combater a mosca-da-azeitona, a gafa, o olho-de-pavão, a cercosporiose, a ronha ou tuberculose e a cochonilha-negra-da-oliveira; poda do olival.

Pomóideas (macieiras, pereiras) – formas hibernantes de insectos e ácaros (tratamento de inverno deve realizar-se como medida preventiva para reduzir o inóculo de alguns inimigos da cultura); psila da pereira; cancro-europeu;

moniliose; poda, broca-dos-ramos (*Zeuzera pyrina*) – eliminação dos ramos atacados com brocas ativas e a identificação no tronco e nos ramos mais grossos, de entradas de galerias das larvas, cancro-europeu-da-macieira (*Neonectria ditissima*), xyleboros (*Xyleborus* sp.), psila-da-pereira (*Cacopsylla pyri*).

Prunóideas (pessegueiro/cerejeira/outras) – pessegueiros – lepra; **cerejeiras, pessegueiros** – cilindrosporiose, crivado, moniliose. Cancro-bacteriano (*Pseudomonas syringae*); formas hibernantes de insectos, ácaros e cochonilhas.

Vinha – doenças do lenho da videira [tais como: escoriose-americana (*Phomopsis viticola*); escoriose-europeia (*Botryosphaeria* spp.); esca, síndrome de esca ou complexo de esca (*Fomitiporia mediterranea*, *Phaemoniella chlamydospora*, *Phaeoacremonium aliophilum*, *Phaeoacremonium* spp., etc.); eutopiose (*Eutypa lata*); pé-negro (*Cylindrocarpon* spp.) e doença-de-Petri (*Phaeoacremonium* spp.)] – as doenças de lenho não têm tratamento efectivo, por isso, são indispensáveis medidas preventivas, cuidadosas e persistentes, a aplicar desde a produção e paliativas. Medidas para controlo da praga cochonilha-de-algodão (*Planococcus* spp). Formas hibernantes de insectos e ácaros. Cuidados a ter com a aquisição de novas plantas.





3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, estas culturas estão nesta altura com um desenvolvimento vegetativo algo atrasado e lento, em solos que se mantêm com excessiva humidade e muito frios. As espécies pecuárias têm tido a sua alimentação garantida, estando a serem usadas as silagens e fenos, complementados com rações industriais e suplementos vitamínicos.

No Baixo Mondego, todas estas culturas estiveram praticamente todo o mês encharcadas. Aparentemente continuam verdejantes, mas, poderão ter sofrido de asfixia radicular porque o seu crescimento é praticamente nulo. Não foi possível efetuar os cortes para alimentação animal e as adubações necessárias para promover o bom desenvolvimento destas culturas, devido à impossibilidade da entrada das máquinas agrícolas nos terrenos alagados. A alimentação animal foi predominantemente feno, silagem e adequados arraçoamentos. O pastoreio direto tem sido muito difícil, devido ao alagamento excessivo dos solos. Com as condições meteorológicas adversas, e as cheias verificadas no Vale Central, os criadores de gado tiveram que movimentar os seus animais para terrenos de quotas mais elevadas.

No Pinhal Litoral, as condições meteorológicas provocaram: atraso generalizado no crescimento de pastagens e forragens; degradação do coberto vegetal devido ao encharcamento e ao pisoteio; maior pressão de doenças e parasitas; aumento da dependência de fenos, silagens e rações; custos acrescidos na alimentação animal; menor autonomia forrageira das explorações. O impacto foi significativamente superior ao normal, com efeitos que se prolongaram para além do mês em análise, exigindo ajustamentos na gestão alimentar e reforço das práticas de conservação de forragens.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a grande quantidade de água nos solos está a impossibilitar novas sementeiras. Esta situação obrigará a que o ciclo de grande parte das forragens e pastagens se inicie tardiamente, sendo uma contrariedade ao regular desenvolvimento vegetativo. As sementeiras já efetuadas têm tido dificuldade no seu desenvolvimento, devido à asfixia radicular a que têm sido sujeitas. Ainda assim, o fim do mês trouxe algum desenvolvimento vegetativo, quer nas sementeiras, quer nas pastagens espontâneas. Face às condições meteorológicas, os agricultores excluem por completo quaisquer tratamentos, adubações ou novas sementeiras, nas próximas semanas.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as pastagens apesar de um bom desenvolvimento geral, estiveram interditas aos rebanhos por estarem saturadas de água ao ponto de homens e animais ficarem atascados no solo. Apenas em terrenos de cotas mais elevadas foi possível o pastoreio. Por esse facto o consumo de alimentos concentrados e conservados foi substancialmente superior ao do ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, observa-se igualmente um desenvolvimento lento e irregular nas pastagens naturais e de sequeiro. Nos prados de regadio, não se registam benefícios associados à disponibilidade hídrica, dado que o fator limitante é, precisamente, o excesso da mesma, verificando-se um atraso no desenvolvimento vegetativo. Nas culturas forrageiras, a qualidade e disponibilidade da forragem verde é inferior à necessidade para alimentação das diferentes espécies pecuárias, observando-se maior recurso a fenos, silagens e rações industriais. Em solos saturados está a haver restrição do acesso dos animais às parcelas. Verifica-se maior dependência de alimentos concentrados e conservados para o efetivo animal.

No Pinhal Sul, com os terrenos alagados e as temperaturas baixas, o crescimento das estas culturas foi quase nulo. Os animais vão pastoreando as zonas altas das pastagens naturais. Nas culturas semeadas é impossível pastorear devido à quantidade de água retida no solo. Os animais continuam a ser suplementados com fenos, palhas e rações.





Nas **zonas do interior**, em Riba e Cimo Côa, estas culturas apresentam um bom estado vegetativo, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Não se recorre muito a forragens armazenadas. De momento, os suplementos são particamente utilizados na criação do efetivo de engorda.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, os prados e as pastagens permanentes espontâneas de sequeiro e as culturas forrageiras e pratenses temporárias de sequeiro, viram comprometido o seu normal desenvolvimento devido ao excesso de água no solo já com situações de encharcamentos e submersão das culturas, assim como às baixas temperaturas registadas, levando a uma diminuição da disponibilidade alimentar. Regista-se uma maior utilização generalizada de alimentos conservados ou rações, de um modo geral, cerca de 20-30% a mais, relativamente ao mesmo período do ano transato. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer ao uso de rações e de outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Na Campina e Campo Albicastrense, o crescimento/desenvolvimento das pastagens e culturas forrageiras regrediu ou estagnou devido aos altos níveis de precipitação, pelo que a suplementação com forragens conservadas foi superior ao ano anterior. Os efetivos pecuários pastaram sobretudo as pastagens permanentes em vez das culturas forrageiras, porque nestas últimas, as condições do solo provocadas pela elevada precipitação são impeditivas para o pastoreio (solos atascam devido à perda de estrutura e sustentação na sequência das mobilizações).





4-a – Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspecto vegetativo das searas, variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.

Nas **zonas do litoral**, e no Baixo Vouga, as sementeiras não foram feitas oportunamente, ou sofreram grande atraso estando a maioria das áreas de cultivo da região de uma maneira geral ainda por semear. As chuvas ao longo do mês têm causado muito atraso em todos os aspetos, na germinação e desenvolvimento vegetativo das culturas, mas mantém-se a expectativa de tempo mais seco e menos húmido no curto/médio prazo, de forma a permitir a necessária recuperação do ciclo vegetativo em tempo oportuno.

No Baixo Mondego, no Vale Central, as culturas instaladas estão completamente perdidas. As áreas semeadas vão ser muito inferiores ao ano passado, assim como está comprometida a instalação de novas áreas.

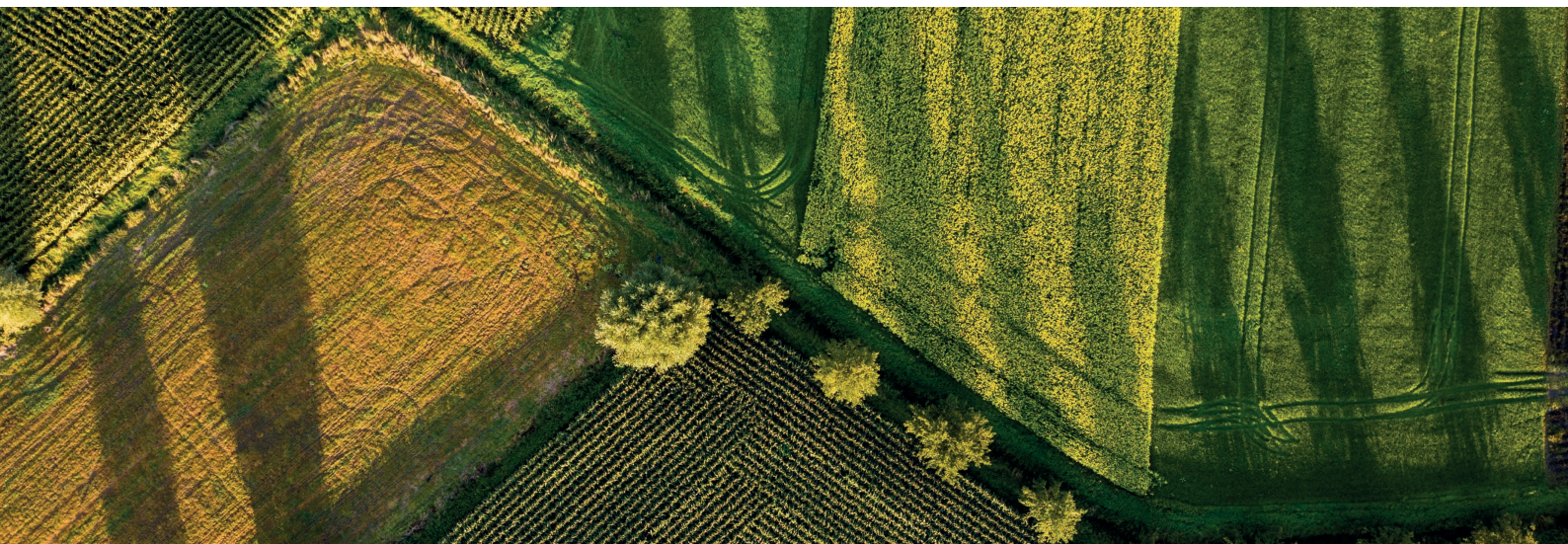
No Pinhal Litoral, os cereais praganosos enfrentaram um ciclo inicial marcado por instalação difícil e atrasada, germinação

irregular, desenvolvimento vegetativo limitado, maior pressão de doenças, redução da área semeada por constrangimentos operacionais e risco agronómico. A conjugação destes fatores comprometeu o potencial produtivo das searas e exigirá ajustamentos na gestão cultural ao longo da campanha.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a permanência dos ataques de espécies cinegéticas refletem-se na diminuição de áreas semeadas, afetando naturalmente a manutenção das culturas cerealíferas nesta zona.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as sementeiras decorreram sem percalços e a germinação foi boa, no entanto, as plantas estiveram pelo menos 14 dias submersas e teremos de aguardar ainda alguns dias para ver se conseguiram recuperar.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as sementeiras de cereais praganosos foram condicionadas pelas condições climáticas adversas, que provocaram encharcamento dos solos, dificultando a entrada das máquinas e atrasando algumas operações. A germinação foi inicialmente boa, porém, a chuva intensa e o



solo saturado, afetaram o seu desenvolvimento, originando germinação irregular, fraco crescimento e coloração amarelada, com possível impacto na produção. Se as condições atmosféricas começarem a melhorar, poderá ainda haver recuperação. Segundo informação dos agricultores, prevê-se que a área de cereais praganosos seja menor face ao ano anterior, embora com alguma variabilidade local. No tritiche, centeio e aveia não se registaram alterações significativas, enquanto no trigo e na cevada se regista uma diminuição (10%), no Alto Dão Lafões, da área face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, o crescimento dos cereais praganosos continuou a ser fraco devido às baixas temperaturas e à intensa precipitação. Observam-se algumas sementeiras amareladas. Como não é possível entrar nos terrenos, a distribuição de adubos está comprometida retardando ainda mais o seu crescimento. As áreas semeadas são semelhantes às do ano anterior.

Nas **zonas de interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, as lavouras e sementeiras decorreram normalmente, estão terminadas e de momento apresentam um bom aspeto. Porém, com as áreas em zonas mais baixas ainda alagadas, teme-se que algumas apodreçam por encharcamento. Estima-se que as

áreas semeadas sejam sensivelmente as mesmas do ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a maioria das sementeiras foram efetuadas a partir de novembro. No entanto, a precipitação ocorrida a partir de meados desse mês e que se prolongou ao longo de todo o mês de dezembro, janeiro, e na primeira quinzena de fevereiro, condicionou o seu término que, associado às temperaturas baixas veio condicionar a germinação. Algumas das searas situadas em solos de cotas mais baixas denotam sinais de asfixia radicular devido ao encharcamento. No geral, têm tido um desenvolvimento mais lento devido às baixas temperaturas médias registadas e excesso de água em certos casos.

Na zona homogênea da Campina e Campo Alcastrense, após o término do longo período de precipitação que prejudicou o normal desenvolvimento dos cereais praganosos, os mesmos encontram-se em fase de recuperação. Esta seria a altura de realizar as adubações de cobertura que iriam ajudar a uma melhor recuperação, contudo as mesmas estão impedidas de serem realizadas porque o solo está saturado de água e não permite a entrada das máquinas agrícolas.



5-c – Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, de uma maneira geral, a estabilidade tem sido a regra para os pomares de citrinos em toda a região. As produções não têm sofrido alterações de maior monta, situando-se nos parâmetros normais. Contudo, os últimos temporais provocaram grandes quantidades de queda de fruto afetando a sua produtividade.

Na zona homogênea do Baixo Mondego, a produção de citrinos ficou seriamente comprometida. A depressão Kristin no mês passado, provocou a queda de frutos e folhas em todos os citrinos, no geral. Os citrinos que permaneceram nas árvores acabaram por apodrecer e cair, devido à humidade excessiva dos solos.

No Pinhal Litoral, os pomares de citrinos apresentaram um estado vegetativo irregular, com sinais de stress hídrico e danos mecânicos associados ao vento. A produção registou quebras em quantidade e redução da qualidade, sobretudo devido ao encharcamento, à pressão de doenças e aos efeitos diretos da tempestade Kristin. A recuperação exigirá monitorização fitossanitária, correção nutricional e intervenções de poda para eliminar ramos danificados.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os citrinos têm um cariz sobretudo familiar e não tanto económico, mantendo-se alguma preocupação com tratamentos fitossanitários. Contudo nesta campanha, a queda precoce de fruto foi acima da média, sendo visível a picada da mosca-da-fruta na epiderme do fruto. Também constatado ataque severo de mildio em limoeiros. A maioria das variedades já se encontram em fase final de colheita. Contudo, a passagem da depressão Kristin e dos seus ventos fortíssimos, fez cair muitos frutos.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os citrinos estão a atingir o estado de maturação, sofreram ataques de mildio, mas o que causou maior prejuízo foi a queda de mais de 50% dos frutos com os ventos da tempestade Kristin.





Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os pomares de citrinos têm representação reduzida. Relativamente à qualidade prevê-se uma ligeira melhoria (coloração uniforme, menos marcas fisiológicas associadas a stress hídrico ou térmico), com boa calibração. No entanto, em algumas parcelas com precipitação excessiva durante a fase de maturação, poderá ter ocorrido ligeira diluição do teor de açúcares. Em relação à quantidade, as previsões são de produção ligeiramente superior ao ano anterior.

No Pinhal Sul, o limão já está maduro. A procura ainda se mantém baixa, assim como o preço. Este ano devido às intempéries a produção irá ser menor, uma vez que grande parte da produção de citrinos caiu, não sendo possível, ainda, avançar com a estimativa da quebra de produção. O calibre do limão parece inferior ao ano anterior.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, apesar da fraca representatividade dos citrinos, os existentes apresentam um bom estado vegetativo, uma boa produção e boa qualidade.

Tanto na Cova da Beira como na Serra da Estrela, os citrinos resumem-se na sua maioria a árvores dispersas em quintais, com exceção de alguns pequenos pomares sem expressão, situados principalmente na zona sul da Cova da Beira. Os pomares que não foram tratados, podem apresentar sinais de mildio ou aguado. Nos pomares tratados, a qualidade da fruta é boa e a quantidade é idêntica à do ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, a produção de citrinos está aquém da quantidade do ano anterior, situação que foi agravada pelas fortes tempestades verificadas que provocaram forte queda de frutos das árvores.

8-b – Produção de azeite: funcionamento dos lagares; qualidade do azeite e fundas.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita da azeitona foi realizada com normalidade com produção idêntica à da última campanha, mas de melhor qualidade. O rendimento superou em relação ao último ano, com valores entre 13 a 15%, indicando uma funda proporcionalmente menor.

No Baixo Mondego, a azeitona foi de boa qualidade, assim como, o azeite produzido. A funda foi em média 13%. A quantidade de azeitona para azeite foi superior em relação ao ano transato.

No Pinhal Litoral, a produção de azeitonas para azeite registou um aumento de cerca de 10% em relação ao ano passado. Nos lagares o funcionamento foi regular, com rendimentos iniciais baixos, mas melhoria progressiva. A qualidade foi elevada, com forte predominância de azeite virgem extra. As fundas foram reduzidas, graças à boa sanidade do olival e ao processamento eficiente.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha da azeitona foi bastante positiva. Ao contrário do ano anterior, a quantidade de azeitona foi grande, não só em olivais cuidados, como também em olivais pouco zelados. A apanha começou no início de outubro, quando o fruto ainda estava verde, sendo a funda pouco rentável. A apanha precoce por parte de alguns agricultores teve como principal razão o receio que o fruto (não tratado) caísse antes

de estar maduro. Com o decorrer das semanas, a maturação da azeitona foi-se aproximando do seu estado ideal, resultando em fundas mais generosas. Os períodos de precipitação que ocorreram, foram afetando quer a quantidade quer a qualidade do fruto. Ainda assim, foi possível ir colhendo fruto são, até à chegada da tempestade Cláudia. As fundas após as chuvas naturalmente que baixaram, mas em geral obteve-se sempre azeite com baixa acidez. Dada a grande quantidade de azeitona nas árvores, praticamente todos os agricultores com algum olival, efetuaram colheita (evitando também ter de adquirir o produto a curto e médio prazo). Comercialmente, pela grande quantidade de azeite produzido na zona, o valor do litro de azeite para venda (quer nos lagares quer no particular) tendeu a baixar. A cultura encontra-se a iniciar o seu ciclo anual, sendo já visíveis os novos brotos. A passagem da depressão Kristin arrancou milhares de oliveiras. Os agricultores – dentro das suas possibilidades – estão a tentar replantar parte das árvores caídas, optando por podas severas para equilibrar a planta, face à perda de raizame.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a azeitona, tradicionalmente de azeite, registou uma produtividade muito heterogénea, sendo inferior à do ano passado no Alto Mondego, primeiro por mau vingamento do fruto, e depois por uma vasta área de olival ardido no concelho de Seia. Embora na Beira Serra o vingamento dos frutos tenha igualmente sido muito heterogéneo de olival para olival, ao contrário do que anteriormente se previu, as oliveiras que vingaram bem o fruto tiveram uma





produtividade excecional, com uma boa qualidade, levando a um aumento de produção substantivo na região homogénea. Nas duas regiões a qualidade da azeitona é muito superior, porque mais produtores realizaram os tratamentos necessários. Uma vez que a azeitona foi colhida com chuva, o rendimento foi relativamente baixo andando a funda entre ao 11 e os 12%.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a colheita da azeitona ocorreu de forma normal, assim como, o funcionamento dos lagares, com entrega de azeitona de boa qualidade, com bom calibre e estado sanitário, reduzida incidência de pragas e doenças, obtendo-se azeite de boa qualidade. Segundo informação de produtores e dos lagares, houve um aumento de produção de azeitona face ao ano anterior, contudo, não foi homogénea. O olival apresentou aumentos de produção na ordem dos 30% no Alto Dão Lafões, e no Baixo Dão Lafões o aumento foi, em média, de 15%. Em relação à funda, variou entre os 7,5 kg/litros e os 12 kg/litros, ou seja, em 100 kg de azeitonas produziram-se entre 13,33 litros e 8,33 litros, no geral a média foi de 10 kg/litro, ou seja, cada 100 kg de azeitona deu origem a 10 litros de azeite.

No Pinhal Sul, a campanha da azeitona está terminada. A produção foi de cerca de 50% superior à campanha anterior. A qualidade da azeitona foi muito boa proporcionando a obtenção de azeites de boa qualidade. A maior parte dos azeites produzidos foram extra virgem. As fundas, em média, foram na

ordem dos 8,20 kg de azeitona para 1 litro de azeite.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, confirmou-se uma quebra na produção da ordem dos 10% na azeitona para azeite, compensada pela qualidade e quantidade do azeite produzido. As fundas rondaram a média dos 15%, isto é 15 kg de azeite por 100 kg de azeitona (cerca de 6,67 kg de azeitona para 1 litro de azeite) no caso de Riba Côa e 14,01 kg de azeite por 100 kg de azeitona (7,14 kg para 1 litro de azeite) no caso de Cimo Côa.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os lagares que laboraram azeitona na campanha finda, funcionaram dentro da normalidade. A qualidade do azeite é superior à do ano transato e o rendimento em azeite foi em média cerca de 10,0 kg de azeitona/1 litro de azeite na Serra da Estrela e 8,5 kg de azeitona/1,0 litro de azeite na Cova da Beira

Na Campina e Campo Albicastrense, no geral da zona homogénea a produção total de azeitona foi menor do que no ano anterior. A recolha de mais informação está de acordo com o referido em relatórios anteriores, que a produção de azeitona entre produtores foi heterogénea. Neste sentido diminui-se um pouco a quebra na produção de azeitona, considerando-se uma diminuição geral de 15%. O azeite foi de boa qualidade com quantidade significativa de lotes extra-virgem. Comparativamente ao ano anterior a funda foi mais baixa, contudo, o valor proposto para o presente relatório é ligeiramente maior (7,84 kg/litro) relativamente ao último valor dado.



WWW.CCDRC.PT

